

Índice

Uma Nota sobre Nomes	9
Introdução	11
Capítulo 1: A Primeira Face	19
Capítulo 2: O Rio Abate a Árvore	36
Capítulo 3: Corpos em Crescimento	44
Capítulo 4: Os Corpos Vivem	66
Capítulo 5: Gelo e Fogo	89
Capítulo 6: As Rochas Permanecem	107
Capítulo 7: Mundo Material	134
Capítulo 8: Comer e Viver	155
Capítulo 9: Chez Neandertal	196
Capítulo 10: Terra adentro	227
Capítulo 11: Coisas Belas	271
Capítulo 12: As Mentes por dentro	301
Capítulo 13: Muitas Maneiras de Morrer	319
Capítulo 14: Viajantes do Tempo no Sangue	359
Capítulo 15: Desenlaces	379
Capítulo 16: Amados Imortais	403
Epílogo	432
Agradecimentos	437
Créditos das imagens	441



Introdução

Um som intemporal enche a caverna: não é o murmurar e suspirar das ondas, pois o mar fugiu quando o frio mordeu e as montanhas se arrepanharam todas contra a carapaça de gelo. Agora, paredes rugosas rodeiam uma respiração que se esvai suavemente, na esteira de pulsações cada vez mais espaçadas. É o fim do mundo, literal e figuradamente, o último neandertal da Ibéria testemunha o sol baixo, cintilante, por cima do distante Mediterrâneo. À medida que um céu negro como sílex se aclara num alvorecer cinzento, o leve arrulhar dos pombos choca contra as lamentações de gaivotas perdidas, gritos que são como um choro de crianças com fome. Mas já não há bebês, não resta mais ninguém, ninguém com quem ver as estrelas desaparecerem; que vele até que o último fôlego se funda no ar frio.

Uns 40 mil anos mais tarde, os oceanos voltaram a subir, o sal tinge o ar, e as paredes da mesma caverna ressoam de vozes e música — um requiem para um sonho dos antepassados.

Esta é a Caverna de Gorham, em Gibraltar, o ano é 2014. Arqueólogos e antropólogos reúnem-se uma vez por ano nesta amena ponta da Europa para uma entre muitas conferências sobre os neandertais. Mas nesse ano aconteceu uma coisa especial. Entre os delegados que visitavam as cavernas, grandes como catedrais, estava o músico Kid Coma, aliás o professor Doug Larson, biólogo. Ele começou a dedilhar as cordas duma guitarra, cantando o “último sobrevivente”: alguma da arqueologia neandertal mais recente vem da Península Ibérica, e destas cavernas. Durante os poucos minutos em que a sua voz ressoava na grande câmara rochosa, as preocupações profissionais com apresentações, os debates acalorados das teorias ou das minúcias das classificações de ferramentas de pedra silenciaram-se. Os colegas escutavam simplesmente, reféns do impulso humano de se ligarem a um passado antigo. O leitor pode sentir este estranho momento emocional, porque alguém se lembrou de o filmar e agora está no YouTube.

Esta serenata aos cemitérios milenares lança um raio de luz sincera sobre as pessoas que estão por trás da ciência. Uma vez terminadas as meticulosas e objectivas comunicações científicas, é nos cafés e nos bares que emerge uma especulação menos condicionada — apaixonada mesmo — entre colegas (que também são amigos). As conversas vão dos sítios arqueológicos “de sonho” ao que sabemos e o que não sabemos; dançam todas à roda da questão de se algum dia conseguiremos vislumbrar a subtil realidade de quem eram os neandertais.

Este livro é uma janela aberta para essas discussões. Destina-se tanto aos que já ouviram falar dos neandertais como aos que ainda não ouviram; ao vagamente interessado e ao perito amador; e até aos afortunados cientistas que investigam esse mundo antigo. Porque é uma tarefa cada vez mais imensa: os caminhos tortuosos entre dados e teoria são cortados e recortados por novas descobertas, obrigando a desvios e mesmo a meias-voltas. A quantidade abismal de informação é difícil de tratar: são poucos os especialistas que têm tempo para ler *cada* novo artigo no seu próprio domínio, para já não falar de toda a produção académica sobre os neandertais. Mesmo os investigadores mais experientes podem ficar de boca aberta perante novas descobertas.

E esta abundância de atenção e análise deve-se ao facto de que os neandertais *são importantes*; sempre foram. Eles têm um *cachet* cultural *pop* como nenhuma outra espécie humana extinta. Entre os nossos parentes antigos (designados homínídeos), os neandertais são verdadeiramente a nata: os grandes achados chamam a si as capas das principais revistas científicas e os títulos dos *media* dominantes. O nosso fascínio não dá sinais de esmorecer: o Google Trends mostra que as buscas de “Neandertal” sobrepujaram mesmo as de “evolução humana”. Este grau de celebridade é todavia uma espada de dois gumes. Os editores sabem que os neandertais são potentes caça-cliques e tentam os leitores com uma cobertura bem maquilhada, chamativa, do género “X Matou os Neandertais” ou “Neandertais — Não tão Estúpidos como se Pensa!”

O entusiasmo dos investigadores em partilhar o seu trabalho é re-freado pela frustração que sentem perante a manipulação sistemática e contraditória dos *media*, que com frequência os pintam como cientistas malucos que saltam duma ideia para outra. A ciência age manifestamente por meio da contenção; todavia, os novos dados e as novas teorias não reflectem a confusão dos investigadores, antes o seu enorme entusiasmo. Além disso, a persistência dos neandertais em termos de “*Neander-news*” significa que a pessoa média nunca ouve falar de algumas das descobertas mais fascinantes da modernidade.

A imagem global é também ela difícil de apreender, tendo-se transformado radicalmente desde 1856, ano em que uns estranhos fósseis² provenientes duma pedreira alemã foram, timidamente, vistos como uma espécie humana desaparecida. Os académicos começaram a escavar, à procura de mais desses estranhos seres, e por alturas da Primeira Guerra Mundial, a quantidade crescente de ossos de neandertais tornou claro que, além de nós próprios, a Terra fora berço de muitos mais irmãos. A atenção estendeu-se às ferramentas de pedra, encontradas em grandes quantidades, e iniciou-se a primeira investigação séria da cultura neandertal. O próprio tempo era decisivo: em meados do século xx, sítios arqueológicos que até então flutuavam no tempo e estavam vastamente separados no espaço foram ligados pelo progresso das técnicas de datação e das cronolo-

2 Fossilização é o processo pelo qual um osso se torna mineral.

gias geológicas. Avancemos mais sete décadas e é sobre essas fundações que hoje fazemos o levantamento da grandiosa panorâmica do mundo neandertal, que se estende por milhares de quilómetros e por bem mais de 350 mil anos.

Contudo, a arqueologia do século XXI está a mundos de distância dos seus primórdios e, considerada mais de perto, assemelhar-se-ia mais às fantasias dum visionário vitoriano. Os primeiros pré-historiadores pouco mais tinham do que pedras e ossos para reconstruir o passado antigo, ao passo que os investigadores actuais trabalham com meios que os seus antepassados nem imaginavam que existiriam. Digitalizações por *laser* em vez de desenhos com caneta dão a imagem da totalidade dum sítio arqueológico, enquanto os especialistas estudam objectos que ninguém um século antes sonhava achar. De escamas de peixes e barbas, bábulas e barbicelas de penas avianas à micro-história de cada lareira, mais depressa a nossa compreensão das coisas nasce da lente dum microscópio do que da ponta duma colher de pedreiro.

Podemos inclusive espreitar por cima do ombro dos neandertais, reconstruindo os poucos minutos necessários, há 45 mil anos, para um seixo ser destramente reduzido a lascas aceradas. O próprio registo arqueológico estático devém dinâmico: observamos a circulação de ferramentas dentro dos sítios arqueológicos e vemos-las serem transportadas para o exterior. Podemos mesmo segui-las em sentido contrário, até aos afloramentos rochosos originais. E visões íntimas incríveis dos corpos neandertais são hoje possíveis. Considerando apenas os dentes, podemos escrutinar as linhas de crescimento diário, avaliar a dieta a partir de micropolimentos e até “cheirar” quimicamente o fumo da lareira que se infiltrou no tártaro dos dentes.

Esta abundância de informação levou a um renascer da investigação neandertal ao longo das últimas três décadas. Uma fiada de achados espantosos chegaram às primeiras páginas, e as bases dos nossos conhecimentos acerca de onde e quando viveram, como usavam as ferramentas, o que comiam e as dimensões simbólicas do seu mundo conheceram uma revolução. Talvez de maneira ainda mais espantosa, histórias de amor entre espécies, outrora ignoradas, são extraídas de vulgares fragmentos de ossos anódinos, e uma colher de chá de terra duma caverna pode produzir genomas completos.

Máquinas ronronantes permitem-nos extrair *terabytes* de informação de toda e qualquer substância imaginável, mas tudo isso é moderado pela constatação dos arqueólogos de que o que é crucial para se compreender o que os sítios arqueológicos contêm é saber *como* eles se formam. Ao longo dos milénios, os caprichos da preservação, da erosão e do tempo significam que tudo nos chega na forma de fragmentos. Registrar as posições dos artefactos é vital para se compreender a integridade de cada camada, antes de nos deixarmos entusiasmar com a análise. Partes quebradas e dispersas pelo tempo podem ser reunidas, enquanto a estrutura do solo, o recorte ondulado de lascas de sílex ou o desgaste de lascas de osso tudo isso contribui para se decifrar a formação do sítio arqueológico. É deste arquivo aos pedaços, e por vezes remexido, que temos de extrair a história.

Portanto, os arqueólogos ainda continuam a entusiasmar-se com as escavações, mas a escavação média produz dezenas ou centenas de milhares de objectos cuidadosamente recolhidos, que devem ser lavados, rotulados e guardados cada um no seu saco hermético. Coexistindo digitalmente em bases de dados das mais diversas proveniências, constituem um recurso de valor incalculável que nos permite explorar as intersecções entre a geologia, o meio ambiente e a acção homínida. A prudência alterou igualmente a nossa maneira de lidar com as colecções museológicas acumuladas ao longo do tempo. Cada vez mais os sítios arqueológicos “clássicos” — alguns deles visitados por milhares de turistas todos os anos — revelam novos e por vezes inesperados segredos quando submetidos a uma reanálise de ponta. É a soma de tudo isto que nos permite responder com uma precisão jamais igualada a perguntas fundamentais como: “Que comiam os neandertais?”

Não obstante, mesmo uma curta incursão na ciência da dieta neandertal mostra-nos até que ponto é ilusoriamente simples tal inquirição. Não só devido à diversidade dos materiais e métodos disponíveis — examinar proporções de ossos animais, o desgaste microscópico em dentes e ferramentas de pedra, resíduos preservados de alimentos ou a análise química e genética de fósseis —, mas também porque a suspeita sobre como se formam os sítios arqueológicos se estende à investigação forense da dieta. Mesmo em lugares